

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF**

**ANA CAROLINE TEIXEIRA**

**UMA INTERPRETAÇÃO DO USO DA HISTORIA DO PRESENTE NA  
LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DO SEU  
PRÓPRIO PRESENTE**

Juiz de Fora

2016

ANA CAROLINE TEIXEIRA

**Uma interpretação do uso da História do Presente na  
literatura como instrumento de compreensão do seu próprio  
presente**

Relatório final, apresentado a Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
licenciatura em História.

**Juiz de Fora**

**2016**

## **Resumo**

O presente relatório propõe-se a fazer uma análise, a partir da literatura ficcional, da forma como narramos e damos significados a nossas próprias histórias através da comparação entre o real e o imaginário, utilizando-se do dilema vivido por dois personagens fictícios da literatura estadunidense que buscam a verdade sobre a história de seus pais, com os estudos de diferentes pesquisadores sobre a concepção de história do presente e as dificuldades ao escrevê-la, e as descrições sobre as ocupações dos colégios públicos em 2016 por seus autores e meios de comunicação.

**Palavras chave:** memória, história, verdade e passado.

## **Introdução**

Durante o segundo semestre letivo de 2016, no qual a inserção do estagiário dentro de sala de aula se faz mais presente e efetiva, tivemos de lidar com o fato da mobilização dos alunos do Colégio de Aplicação João XXII, local de ensino onde eram realizados os estágios, pelo movimento de ocupação dos colégios públicos que lutava pela não aprovação da então PEC 241<sup>1</sup>, e o fim da Reforma do Ensino Médio<sup>2</sup>. Sendo assim as aulas foram suspensas e os alunos se organizaram de tal modo a terem rodas de conversa e aulas das diferentes áreas do conhecimento e sobre os diversos temas que abrangem. Como estagiário de História nos colocou a disposição dos alunos para oferecermos explicações sobre aquilo que melhor lhes conviesse.

Depois de uma reunião na qual estavam presentes representantes dos alunos de divergentes anos e os estagiários, ficou decidido que seria realizado uma roda de conversa na qual o tema central seria a forma como o movimento deles, os alunos do João XXIII, estava sendo representado e compreendido pela mídia e a população em geral e como era essa mesma percepção por aqueles que estavam de algum modo participando ou sendo diretamente atingidos pela ocupação.

Com a intenção de criarmos uma forma mais lúdica, e de apresentarmos novas formas de aprendizado aos alunos, sugerimos que eles lessem “Lições do Desejo”, de Madeline Hunter<sup>3</sup>, segundo volume da série de quatro livros intitulada “Os Rothwell”, a qual se baseia na necessidade de que as personagens protagonistas tem de compreender e reinterpretar a própria história, e é a partir desse ímpeto que pretendemos exemplificar algumas questões referentes a construção, manutenção e compreensão da História, e refletirmos juntamente com os alunos sobre suas próprias interpretações.

### **1- Sobre a trama literária**

Na Inglaterra do século XIX, Phaedra Blair é incumbida por seu pai, Richard Drury, de publicar suas memórias póstumas, as quais continham lembranças sobre sua vida que incluía relatos detalhados e constrangedores sobre os principais, e mais influentes, nomes da corte e alta sociedade londrinas. Merris Langton, sócio e amigo de Drury, ao saber de sua morte e tendo conhecimento do conteúdo de suas memórias, vai

de encontro aos possíveis interessados em omitirem trechos do dito livro em troca de uma quantia generosa. Alertado pelo suborno, Christian Rothwell, marquês de Easterbrook, se prontifica a pagar a soma de cinco mil libras pela remoção de um trecho das memórias que se refere ao último marquês, seu pai. Infelizmente Langton morre antes de ser pago, e automaticamente, conclui o serviço. Ciente do conteúdo do livro, Christian incute seu irmão mais novo, Elliot Rothwell, um renomado historiador, a encontrar o manuscrito e destruí-lo, ou persuadir a pessoa que se encontrava de posse do mesmo a suprimir o relato referente à família do marquês.

Em contrapartida, Phaedra Blair, única dona legítima e guardiã do manuscrito do pai, ao lê-lo depara-se com uma acusação do pai contra sua mãe, que muda a forma da filha de enxergá-la. A necessidade de compreender melhor as afirmações do pai em relação à sua companheira de uma vida, leva-a a buscar respostas com aqueles que conheciam o casal, e assim começa a busca de Phaedra pela verdade sobre o passado da mãe, mais especificamente o motivo do desalento que levou à sua morte.

Alimentado pela necessidade de ter as memórias referentes ao pai omitidas do manuscrito de Richard Drury, Elliot vai ao Reino das Duas Sicílias se encontrar com Phaedra Blair na tentativa de suborná-la, da forma que fosse preciso, para que publicasse o livro da maneira mais conveniente possível para a família Rothwell. Phaedra, por sua vez, estava na península itálica em busca de respostas sobre o fim de vida de sua mãe e as acusações do pai para com a mulher.

O caminho dos personagens se cruzam e uma jornada em busca da verdade sobre ambos os pais começa. Elliot busca meios de provar que a acusação de que seu pai teria sido o responsável pelo exílio e morte do amante de sua mãe é falsa, e para isso precisa se encontrar com aqueles que melhor sabiam do ocorrido, nomes que foram citados por Drury em suas narrativas como sendo os responsáveis por contar e confirmar que o dito amante fora morto a tiros por um colega de regimento, que apesar de tudo ter sido encarado como acidental, a causa morte foi dada como febre para que o “assassinato” fosse encoberto e nome do marquês de Easterbrook poupado, a verdade era que o oficial havia sido morto a tiros, e seu algoz recebido uma grande fortuna pouco tempo depois. Infelizmente o boato circulou pela sociedade culta de Londres e qualquer informação que confirmasse o ocorrido tornaria especulação em fato, manchando para sempre o nome de toda a família Rothwell. Já Phaedra buscava informações para compreender melhor as circunstâncias que levaram à morte da mãe, que segundo os relatos do pai havia sido devido a uma grande tristeza, causada por um amante misterioso que havia ludibriado e se aproveitado de Artêmis, fazendo-se valer

do círculo de amizades dela para vender artefatos antigos falsificados e assim fazer fortuna. Artêmis havia sido enganada também, não sendo poupada do golpe da antiguidade falsa, um camafeu, deixado a filha como única herança, que ao se mostrar um objeto sem valor, e seu atravessador um completo aproveitador, causou tanta angústia a mulher que a levou a uma tristeza mortal.

Sob a perspectiva da necessidade de se reconstruir os fatos para se ter a verdade sobre a história, os personagens principais lutam, por mais de duzentas e cinquenta páginas, suas batalhas internas para aceitarem as novas informações que vão surgindo ao longo de suas investigações.

## **2- Sobre o uso da memória**

Tanto Phaedra quanto Elliot estão em uma busca pela veracidade das memórias deixadas por Richard. Ela busca compreender até que ponto a mãe realmente foi tão diferente quanto aquela mulher forte, independente e confiante que Phaedra mantinha em sua memória, e quão próximo o pai estava da realidade ao descrever Artemes como a amante apaixonada e enganada. Ele procura um meio de acreditar que os boatos envolvendo o nome do pai não passam de fofocas, e que as memórias de Richard foram comprometidas por relatos inverídicos, ditos em momentos de descontração com puro intuito de reforçar uma história que caia no gosto dos londrinos, um caso de amor interrompido pelo marido ciumento.

Verena Alberti, em “História e memória na sala de aula e o ensino de temas controversos”, e Sandra Raggio, em “Ensinar os passados que não passam”, discutem sobre como a memória pode ser tendenciosa se refeita por aqueles que estavam diretamente envolvidos no acontecido, apesar das autores relacionarem a manutenção da memória com a ditadura argentina, podemos fazer uma transposição de interpretação e associar as mesmas ideias ao fato de que tanto Elliot quanto Phaedra estão diretamente ligados as memórias em questão, e a tendência natural é que reforcem suas memórias e interpretações pessoais em detrimento dos relatos externos, uma vez que estando próximos da história contada, sentem-se tão possuidores da verdade quanto quem as escreveu. A necessidade de reafirmar o seu ponto de vista do ocorrido é maior e mais valido do que aceitar as diferentes perspectivas na tentativa de se construir um conceito baseado no estudo e compreensão de todas as informações disponíveis.

Em “O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo”, Eric Hobsbawm discorre sobre como as experiências anteriores, a formação do caráter, e até

mesmo a formação acadêmica, podem e vão interferir na interpretação e aceitação de determinado fato, ainda mais se este se aproxima de você, seja através do tempo ou de relações que lhes são caras.

“Se tivéssemos escrito sobre o mesmo tema histórico, não teríamos escrito da mesma forma.

Se isso ocorre no caso de historiadores com idades e formações semelhantes, a diferença entre gerações é suficiente para dividir profundamente os homens.” HOBBSAWM, 105.

Ou seja, chegar a um mesmo ponto de concordância, sem que antes outros caminhos sejam trilhados, e novas perguntas feitas, é improvável, se não impossível, e ainda se corre o risco de que as conclusões finais sejam divergentes em um ou mais pontos.

“De fato, a verdade da história provem da interface entre os componentes do passado, tal como ele nos chega através de seus vestígios documentais, e o espírito do historiador que o reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade. Há pois necessariamente correlação e reciprocidade entre o sujeito e o objeto. Como explica cristalinamente Henri Marrou (que também foi meu mestre), “o valor da história repousa na integridade interior do historiador, em sua paixão ardente e incondicional pela verdade”.” BÉRDARIDA , 222.

Em “Tempo presente e presença da história”, François Bédarida discute sobre a reconstrução que fazemos da história e se atenta as características e qualidade que são esperadas de um historiador, mas que nem sempre são alcançadas por ele. A questão do comportamento, na busca pela verdade, reflete diretamente nos personagens estudados. Phaedra e Elliot estão em uma viagem em busca das verdades sobre os fatos deixados em documentos que podem vir a ser publicados, e apesar de sabermos que a verdade pura e simples jamais será revelada, ou será possível encontra-la, pois sempre há espaço para interpretações e subjetivações, fato é que eles buscam se aproximar ao máximo daquilo que consideram fidedigno, o problema no caso específico dos personagens é se manterão ou não sua integridade como historiadores, ou preferirão colocar as questões pessoais acima do compromisso com a verdade.

Não podemos negar que a História é feita por homens e para homens, o que significa, que dependendo da necessidade por detrás daquela ação, diferentes podem ser os resultados aos quais se pretende chegar, algo pode ser omitido, desconsiderado, ou acreditado em demasia para que a necessidade incutida no estudo seja alcançada. No

caso específico desse estudo, Elliot e Phaedra tem objetivos claros, que podem vir a contribuir de forma positiva, ou negativa, na busca pela verdade.

“Daí a necessidade de distinguir os níveis de verdade histórica, que comportam maior ou menor grau de aproximação e diferentes estágios de certeza, mas nos quais a mesma aspiração elevada deve sempre repercutir na consciência do historiador.” BÉDARIDA, 224.

### **3- Sobre a visão dos alunos**

Ao apresentarmos tais discursões aos alunos, podemos observar que novas inquietações foram surgindo e que questionamentos sobre a própria forma de eles descreverem o movimento que realizavam e o processo que viviam se modificava. Os alunos foram tomando ciência de que não é possível analisar os fatos tendo apenas um único relato como meio de conclusão ou aceitação dos fatos, e de que as notícias, publicações, livros ou qualquer outra informação, é divulgada com alguma intencionalidade e que pode ter sofrido alterações, intencionais ou não, por aqueles que a produziram.

Por mais que nos comprometamos com a escrita da verdade, já partimos do pressuposto do que é verdade pra nós. É muito difícil desfazer concepções há muito arraigadas nas mentes de nossos irmãos, principalmente quando a busca da verdade deles é a confirmação de suas crenças ou descrenças. Sempre haverá um pouco do autor em suas palavras, por mais que o mesmo se esforce pra não o fazer-lo.

Os alunos ficaram muito cientes desses fatos quando começaram a pensar o tipo de notícia que divulgavam em suas redes sócias, o tipo de imagens que disponibilizavam e até mesmo nós grupos em que as imagens e publicações circulavam, deixando claro que pessoas de pensamentos e ideias parecidas percorriam esses meios, em contra partida daqueles que não apoiavam o movimento, que circulavam e compartilhavam outras imagens e textos. Sendo assim, cada grupo tem seu ponto de vista sobre o que estava acontecendo naquele momento, e qual deles pode ser acusado de não estar recriando a História de seu Presente? Nenhum, pois ambos acreditam o estar fazendo. E talvez nenhum a tenha feito.



#### 4- Sobre o desfecho da história

Após uma longa viagem ao Reino das Duas Sicílias, Elliot e Phadra voltam a Londres, com tantas questões não respondidas quanto quando partiram. As investigações continuam na Inglaterra, e Elliot acaba descobrindo que o dito amante de sua mãe realmente foi morto por um companheiro durante uma vigia fora dos domínios do acampamento em que serviam, o tal companheiro de exército, ao ser confrontado, alegou se tratar de um acidente, muito comum com militares inexperientes, e que a fortuna que agora possuía havia sido herdada de um tio falecido, e que nunca ouvira falar do tal marquês de Easterbrook. Apesar de sua grande inclinação a discordar do relato do ex-combante, Elliot prefere calar-se com relação a este fato ocorrido na família, e deixa nas mãos de Phaedra a decisão de publicar ou não a passagem referente ao nome de seu pai. Por sua vez, Phaedra descobre ser verdadeira a história que seu pai relatou sobre o fim de vida de Artemis, que enganada por seu amante entra em depressão profunda o que a leva a morte.

“Em outras palavras, se o historiador deve manter um distanciamento crítico em relação ao seu objeto de estudo e proceder com distanciamento e rigor, nem por isso ele consegue ser neutro. É mais que uma esquivia: uma renúncia. Pois nele existem apenas uma consciência e somente uma: sua consciência de historiador é sua consciência de homem.” BÉDARIDA, 227.

Phaedra decide-se então a publicar as memórias do pai, Richard Drury, mas para tal adiciona novas informações a citação referente a mãe, na qual desmascara o amante misterioso, dando-lhe nome e expondo de forma clara e detalhada sua rede de falsificações e a forma enganosa e criminoso com a qual tem enriquecido e gozado de suas influências. Em contrapartida, por agradecimento ao fato da ajuda recebida para desmascarar tal farsante, omite um trecho das memórias referentes a Chalgrove, responsável pelo desfecho da trama. Outra alteração também é feita antes da publicação do impresso de Drury, Phaedra também retira a citação na qual se entende a acusação contra o último marquês de Easterbrook, talvez mais levada por suas emoções do que pela razão ou provas.

No fim “Memórias de um membro do Parlamento durante os reinados de George III e IV: Richard Drury e suas recordações políticas e culturais de Londres e

seus arredores, com comentários consideráveis sobre pessoas famosas e infames” foi publicado com uma adição e duas remoções.

## **5- Considerações finais**

Sabemos que a matéria História tem sido acusada de ser imparcial não objetiva e de não possuir métodos científicos que justifiquem sua veracidade, mas apesar disso, também sabemos que a metodologia por detrás da escrita da História é algo que requer muito estudo e esforço, e que se aquele que se propõem a escreve-la estiver imbuído do “espírito do historiador”, seu objetivo único e exclusivo será recriar o passado da forma mais verossímil que seus estudos permitam, mesmo que isso não reflita diretamente aquilo que se pretendia. Infelizmente também sabemos, que por ser uma ciência humana, tal matéria está sujeita as necessidades de cada época e público a que pretende atingir. Phaedra Blair optou por desconsiderar aquilo que acreditava ser mais prejudicial aos envolvidos, e que , de acordo com as próprias reflexões da personagem, não tinham como se fundamentar, uma vez que os documentos oficiais apontavam para um caminho diferente, e os envolvidos também não podiam, ou não queriam, confirmar a versão de Drury. Isso a torna uma “historiadora” melhor ou pior? Não saberíamos dizer, mas o que podemos dizer é que esse não foi o primeiro, nem será o último caso de omissões, sejam elas por decisão do autor, ou por pura ignorância.

“Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim.” BÉDARIDA, 229

Sendo assim, podemos dizer que depois de todos as horas de discussão, de acusação e defesa, os alunos chegaram a conclusão que todo o material produzido, seja por aqueles que estão envolvidos no movimento de ocupação, seja por aqueles que apenas o registram, estão sob o julgo da influencia do autor, infelizmente, por mais que se dedique a isso, a história nunca poderá ser revivida igualmente duas vezes.

A literatura foi o suporte lúdico para esclarecer algo muito maior, serviu para ilustrar o conceito de construção de uma narrativa, a escrita da História do Presente, o uso da memoria, e a busca pela confirmação das crenças do presente em relatos do passado. A roda de conversa serviu para provar que diferentes formas de dar aula são

praticáveis e dão resultados imediatos, e que se é possível aprender muito sem ficarmos preso exclusivamente ao livro didático e ao quadro negro, mas isso não significa que uma matéria tenha mais valor em detrimento a outra, pelo contrario, conseguimos mostrar, com a proposta de aulas lúdicas, que existe uma forma de interdisciplinaridade sadia que funciona e traz tanto conhecimento ou mais do que o sistema padrão de ensino, e forma cidadãos muito mais preparados para o mundo.

## Referências

- 1- PEC 241- Tornou-se Proposta de Emenda Constitucional 55, e foi aprovada em dezembro de 2016 pelo legislativo, e prevê limite de gasto do governo nas áreas de saúde e educação para os próximos vinte anos.
- 2- As ocupações das sedes dos colégios e universidades públicas tiveram início em agosto de 2016, repetindo ações ocorridas em São Paulo desde de 2013, no intuito de chamar atenção das autoridades para as necessidades e anseios dos estudantes.
- 3- Madeline Hunter, ph.D em História da Arte, professora universitária e romancista.

## Bibliografia

ALBERTI, Verena. “História e memória na sala de aula e o ensino de temas controversos”. In: Quadrat, Samantha Viz & Rollemberg, Denise (Orgs). História e memória das ditaduras do século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p.283-300.

BÉRDARIA, François. “Tempo presente e presença da história”. In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (Orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

DOSSE, François. “História do tempo presente e historiografia”. *Tempo e argumento*, v.4, n.1, 2012, p.5-22.

HOBBSAWM, Eric J. “O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo”. Tradução: Heloísa Buarque de Almeida. *Novos Estudos* nº 43. nov. 1995

HUNTER, Madeline. “Lições do desejo”. Tradução: Teres Carneiro; São Paulo: Arqueiro, 2013.

NORRA, Pierre. “Entre memória e historia: a problemática dos lugares”. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p.7-28, dez. 1993.

RAGGIO, Sandra. “Ensinar os passados que não passam”. In: Quadrat, Samantha Viz & Rollemberg, Denise (Orgs). História e memória das ditaduras do século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p.324-342.